



# VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

## **DO MANUSCRITO AO IMPRESSO: A PESQUISA DE DOCUMENTOS E A CIRCULAÇÃO DA COLEÇÃO STUDART (1892-1938)**

Paula Virgínia Pinheiro Batista\*

1

O Ceará era a terra do berço de Guilherme Studart. Um homem que teve uma vida longa (1856-1938) e deu a volta ao mundo procurando “velhos papéis” que trouxessem qualquer tipo de registro sobre sua terra natal. Reunir documentos sobre a história do Ceará foi o objetivo perseguido durante toda a sua vida e esse foi seu legado.

Guilherme Studart era um homem formado pelo pensamento oitocentista que propagou a crença no progresso e no desenvolvimento das civilizações. Estudou o catecismo da religião cristã, primeiras letras, gramática nacional, francês, latim, inglês, história, geografia, aritmética, álgebra, geometria (matemática), filosofia, retórica, música, dança e ginástica no Atheneu Cearense, situado na praça Pedro II ao lado da câmara municipal em Fortaleza, entre os anos de 1862 e 1868. Formado em medicina pela Faculdade da Bahia e eleito Barão pela Igreja Católica, Studart fez-se um “homem de letras”, ou ainda, um “homem de letras históricas”.

---

\* Doutoranda do Programa de pós-graduação da UFC e Bolsista FUNCAP. Autora de “Capistrano de Abreu e a correspondência feminina” e “Abraço através do atlântico: cartas entre Capistrano de Abreu e João Lúcio de Azevedo”.

Mas o que representa essa classificação? Quais as condições que definem um homem de letras no século XIX? Roger Chartier procurou responder a essas perguntas e encontrou uma série de contradições e embates na construção das representações do “homem de letras” na época das Luzes, num momento em que os intelectuais viviam dilemas entre a obtenção de um privilégio e a defesa pela igualdade, a proteção de um mecenas e a independência intelectual. Para Chartier, a condição do homem de letras é definida “pelo fato de pertencer às diferentes instituições e formas de socialização das sociedades letradas, mas também pelos discursos múltiplos e contraditórios que a objetivam”. (CHARTIER, 1997, p. 143)

Dentre os discursos que procuram estabelecer definições sobre o homem de letras iluminista destaca-se o do filósofo Voltaire ao afirmar que o letrado é um “homem que possui conhecimentos em todas as áreas de saber” (VOLTAIRE apud. CHARTIER, 1997, p. 119). Cultivar diversos campos do saber é um dos aspectos que caracterizam um letrado nesse período, mas ser reconhecido pelas instâncias de legitimação era cabal para a consagração de um homem de letras.

Uma das estratégias usadas pelos intelectuais para serem reconhecidos entre seus pares é tecer rede de relações pessoais a partir da fundação de sociedades ou “repúblicas das letras”. Para isso, Studart tornou-se membro de mais de 50 instituições sejam científicas, literárias ou filantrópicas. A sedução pela criação e manutenção desses espaços sociais é revelada por Studart no relatório do movimento do Centro literário, apresentado em 1896 aos sócios da agremiação, nos seguintes termos: “holocaustava-me no altar da ideia, que há longos anos me seduz, e pela qual há muito me bato – a organização e difusão das associações como escolas de moralização, como um dos elementos primordiais do progresso humano” (STUDART, 1896, p.4).

Para Studart, as associações intelectuais eram vitais para o progresso e moralização da sociedade cearense, principalmente no momento de implantação do regime republicano no país e formação de um projeto para a construção de uma identidade nacional. Assim fundou e cultivou a manutenção de diversas sociedades cearenses como o Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), a Academia Cearense, o Centro Literário, o Centro Médico Cearense, a Sociedade São Vicente de Paulo e outras, tornando-se o sustentáculo dessas corporações, a ponto de

dirigir suas publicações (Revistas), presidir sessões e reunir os sócios na sua residência quando não havia local apropriado para realizar as reuniões.

Seu controle sobre essas associações se dava de diversas formas, uma delas era a direção das publicações das associações de que era membro como já foi mencionado. Assim, esteve à frente da publicação da *Revista do Instituto do Ceará* por 50 anos (1887 a 1937), além de dirigir as revistas da Academia Cearense, do Conselho Metropolitano da Sociedade São Vicente de Paula e do Centro Médico Cearense.

Esses locais de socialização intelectual qualificam aquele que nele participa como um letrado, reconhecido pelos pares e autorizado por esses a ter um discurso competente. Guilherme Studart, como membro fundador do Instituto Histórico do Ceará, era reconhecido e aclamado como historiador do Ceará e até mesmo “um dos melhores historiadores do Norte do Brasil” como afirmou Carlos Teschauer em carta enviada a Studart em 30 de maio de 1900.

Essa preferência pelos estudos históricos na trajetória de Studart era percebida por seus contemporâneos, dentre eles, o amigo Capistrano de Abreu que reconhece a dedicação do médico com o trabalho de pesquisa histórica ao afirmar que: “estimo muito que já esteja de volta a nossa boa terra, e disposto a consagrar-se cada vez mais à sua história e geografia. Já hoje é o Ceará, dos estados do Norte, o que melhor tem estudado sua história; razão de mais para afirmar e consolidar a sua supremacia”.<sup>1</sup>

O conterrâneo e contemporâneo Clovis Bevilaqua também escreve a Guilherme ressaltando a importância do mesmo para os estudos históricos do Ceará:

Acompanhando, de longe, a produção literária do Ceará, notei que os estudos históricos ocupam lugar proeminente no atual movimento, o que para mim é de grande valor, porque esses estudos, melhor que quaisquer outros orientarão o sentimento da pátria e nos darão a consciência de nosso próprio valor como grupo étnico e social. E entre os que mais se esforçam por esclarecer as obscuridades da nossa história está o ilustre Doutor a quem me dirijo e felicito.<sup>2</sup>

O empenho de Studart em desenvolver estudos no campo historiográfico pode ser mensurado pelas viagens feitas em busca de documentos nos arquivos do Brasil e do

---

<sup>1</sup> Carta de Capistrano de Abreu de 18 de junho de 1893. In: ABREU, v. 1, 1977, p. 142.

<sup>2</sup> Carta de Clovis Bevilaqua de 2 de maio de 1891 – Acervo do Instituto do Ceará.

exterior, pela quantidade de obras publicadas por ele nessa área e pelo comprometimento que dedicou na criação e manutenção do Instituto Histórico do Ceará, do qual se tornou presidente no período de 1929 a 1938.

No início de suas pesquisas historiográficas, Studart empregava somente o tempo livre deixado pela ocupação principal que era a medicina, mas a partir do seu casamento com a herdeira dos Viscondes de Cauípe em 1889 passa a se dedicar em tempo integral a atividade de pesquisador. De acordo com o testamento de Guilherme Studart feito em 1927, seu espólio consistia de 38 casas, 13 terrenos, ações no banco do Brasil e caixa econômica, promissórias e letras de responsabilidade, jóias, estátuas de bronze, esfinges, coleções de moedas e medalhas, pinturas com quadros de artistas consagrados como Sigalo e Gustavo Doré, além de objetos valiosos como estojo de ouro, óculos com aros de ouro, tinteiro de prata, botão de brilhante e outros.<sup>3</sup>

Antes do casamento, recém chegado a província do Ceará em 1877, Studart trabalhou em diversos estabelecimentos do estado como médico dos abarracamentos levantados em Maranguape durante a epidemia de varíola que assolou o estado logo após a seca de 1877; cirurgião do hospital da Santa Casa de Misericórdia e do corpo da polícia e guarda cívica da Secretaria de polícia do Ceará; fiscal do tratamento dos indigentes recolhidos na enfermarias da Jacarecanga, Tijubana e Colônia Christina, dentre outras funções que desempenhou.

Nesse período, também era convocado pelo presidente da província do Ceará para aplicar vacinas, realizar sindicâncias relativas a crimes na cidade envolvendo assassinatos, examinar barricas de bacalhau estragado na via férrea de Baturité,<sup>4</sup> além de outros serviços prestados ao governo. Além do esforço no desempenho como médico, Studart não era remunerado, como nos informa Amaral: “Studart ainda trabalhara como voluntário nesses abarracamentos miseráveis, se bem que sua atuação fora de destaque tanto na ação de planejamento quanto na prática médico-sanitarista cotidiana”. (AMARAL, 2002, p. 68)

<sup>3</sup> O inventário do Barão de Studart está no “Índice do Cartório dos órfãos de Fortaleza”, nº 154/13 depositado no Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC).

<sup>4</sup> Ofícios do Palácio da Presidência da Província do Ceará dirigidos a Guilherme Studart em 23/11/1880; 29/11/1881, 18/2/1882 – Acervo do Instituto do Ceará.

No segundo tomo da *Revista da Academia Cearense*, Farias Brito publicou um artigo com ligeiros traços biográficos de Studart, no qual narra o esforço empreendido pelo médico no exercício de sua tarefa no ano da seca de 1877 e nos relata uma confissão de Studart sobre esse início de carreira: “ninguém poderá calcular a vida que levei nos 10 primeiros anos de minha estada no Ceará; o escravo das grandes fazendas de S. Paulo e do Rio de Janeiro não trabalhava mais do que eu” (FARIAS BRITO, 1897, p. 162).

O trabalho como médico não foi substituído pela vida de gabinete após o casamento. Guilherme Studart continuou realizando suas consultas e seu nome sempre era listado entre os médicos residentes da capital no *Almanaque do Ceará*<sup>5</sup> entre os anos de 1895-1925, atendendo seus pacientes na rua Formosa nº 46, ou seja, em sua residência. Alguns médicos atendiam em seus consultórios, geralmente adjacente a alguma farmácia espalhada pela cidade. Para Studart, o ofício da medicina parece ser bastante penoso, uma vez que afirma no prefácio do seu primeiro livro *Notas para a História do Ceará* que pretende “entregar à publicidade outros trabalhos que tenho em mãos e com os quais distraio-me das agruras da minha vida de médico” (STUDART, 2004, s/p).

Os serviços médicos de Guilherme Studart eram solicitados por alguns de seus correspondentes. Dentre esses, encontramos Jonathas Pedrosa agradecido pelo tratamento da tuberculose feito com Studart;<sup>6</sup> Fortunato Lopes pedindo para o médico examinar a mãe dele que sofre de oftalmia;<sup>7</sup> Juvenal Galeno<sup>8</sup> também se dirige ao médico para pedir um atestado para seu filho justificar suas faltas no Liceu do Ceará devido a uma moléstia que fez o menino ficar de cama por uma semana. Pedido também dirigido por J. Adolfo Barcelos a Studart em 23 de maio de 1896 onde pedia um atestado médico de 10 dias.

Às vezes, a consulta não era feita diretamente e contava com o intermédio de amigos de Studart como foi o caso da carta enviada pelo padre Catão Porfírio Sampaio

---

<sup>5</sup> CAMARA, João. Almanach do Ceará (Administrativo, Estatístico, Industrial e Literário), 1895-1925.

<sup>6</sup> Carta de Jonathas Pedrosa de 1 de agosto de 1887 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>7</sup> Carta de Fortunato Lopes de 4 de junho de 1889 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>8</sup> Carta de Juvenal Galeno de 30 de janeiro – Acervo do Instituto do Ceará.

que escreve a Studart pedindo um remédio para aplacar o sofrimento de um dos confrades da Sociedade São Vicente de Paulo: “João Marques que há muito sofre de urinas como de hemorróidas de sangue”,<sup>9</sup> logo sendo atendido por Studart, já que verso da carta há um rascunho da receita escrita por Studart com as medidas profiláticas para o paciente como banhos quentes, urinar durante o banho, beber leite, além de tomar urutropina (sic.) e nitro 20 três vezes por dia.

Sua trajetória é marcada pela dinâmica de um homem de ciência (a medicina) envolvido nos embates religiosos ora na tribuna ora nos jornais, cujo “fervor religioso marcará todo o percursos intelectual e suas práticas sociais” (AMARAL, 2002, 10). O Barão de Studart soube cultivar diversos campos do saber, sendo capaz de se expressar através da escrita e publicar uma multiplicidade de trabalhos que englobam história, geografia, inglês, religião, medicina, folclore e outros, mas acima de tudo sendo reconhecido como uma das maiores autoridades com relação a temas ligados a “história do Ceará”. Esse reconhecimento pode ser representado pelas palavras de um dos maiores historiadores do Brasil, Capistrano de Abreu:

Seria interessante inquirir como Guilherme Studart, doutor em Medicina, cultor de ciências positivas, entusiasta da sua profissão, passou a quase exclusivamente consagrar-se a estudos históricos. Sua mais antiga publicação neste ramo data de cerca de vinte anos, e tratou da família a que pertence pelo lado materno. Será a genealogia que o encaminhou para a história? Se assim sucedeu, de fato pode-se bem repetir as palavras do poeta sobre outro Guilherme, Wilhelm Meister, que como Saul, filho de Cis, saindo a procurar o fato paterno, tornou ungido com um reino. Circunstância de grande alcance para conservá-lo nestes domínios, uma vez devassados, deve ter sido a abundância de documentos colhidos aqui e além-mar (ABREU, 1904, p. 57-58).

A posição ocupada por Studart no campo historiográfico devia-se mais ao seu trabalho de edição de documentos do que ao trabalho de interpretação ou análise historiográfica. Contudo, é devido a sua capacidade de edição textual que sua obra circulava pelo país e pelo exterior, sendo constante e volumosa a ponto de impressionar outros intelectuais como Carlos Teschauer que escreve ao cearense afirmando que “é grande prazer para mim, ver saírem em intervalos relativamente pequenos da vossa pena

---

<sup>9</sup> Carta do Padre Catão Porfírio Sampaio de 12 de novembro de 1917 – Acervo do Instituto do Ceará.

tão importantes trabalhos”<sup>10</sup>; Afonso de Taunay confessa ao médico que “sobretudo lhe admiro a capacidade de trabalho que o leva a assumir tantos encargos”<sup>11</sup>; e ainda Frederico Lisboa também tece elogios a Studart: “tenho recebido, e com especial agrado, os seus interessantes trabalhos sobre o Ceará. É admirável a sua atividade!”<sup>12</sup>

Desse modo, para fazer-se um autor de história do Ceará, Studart deu visibilidade às suas obras enviando-as aos seus pares para que pudessem dar legitimidade aos seus textos. Um dos presenteados com sua obra foi Affonso Claudio que escreve agradecendo o livro recebido:

Ontem tive a suma satisfação de receber o volume da “Geographia do Ceará” mimo com que aprouve a sua gentileza distinguir-me. De ontem para hoje todas as horas disponíveis foram destinadas a leitura e apreciação do seu magnífico livro, que há um só tempo é geográfico e histórico, escrito e documentado como raramente sucede entre nós. Lendo as belas páginas de Geographia do Ceará, disse a sós comigo – O Ceará apesar de flagelado pelas secas como nem um outro Estado do Brasil, tem também a ventura que nem um outro conta, de viver pelo patriotismo de seus filhos!<sup>13</sup>

7

Dessa carta, podemos retirar alguns elementos para analisar as condições de produção e construção de um discurso legítimo no campo historiográfico brasileiro nesse período, são eles: a circulação impressa das obras entre um público especializado; a relação que o texto assume com a instituição da qual pertence o autor; e a tarefa do historiador que seria educar e mobilizar o povo e seus governantes conduzindo-os para o futuro pelas lições do passado presentes em sua escrita.

A opinião do “público especializado” com relação à obra historiográfica se torna mais importante do que a do público comum. Sobre o verdadeiro destinatário do livro de História, Michel de Certeau afirma que “uma obra é menos cotada por seus compradores do que por seus “pares” e seus “colegas”, que apreciam segundo critérios científicos diferentes daqueles do público e decisivos para o autor, desde que ele pretenda fazer uma obra historiográfica” (CERTEAU, 2006, p. 72).

---

<sup>10</sup> Carta de Carlos Teschauer de 21 de novembro de 1905 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>11</sup> Carta de Afonso de Taunay de 17 de janeiro de 1920 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>12</sup> Carta de Frederico Lisboa de 26 de outubro de 1896 - Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>13</sup> Carta de Affonso Claudio de 29 de junho de 1924 – Acervo do Instituto do Ceará.

Nesse sentido, a obra de História deve ser percebida não só a partir do lugar social daquele que a elabora, mas também a partir do trabalho coletivo que é estabelecido pela disciplina e do reconhecimento dos pares. Isso nos remete ao segundo ponto apresentado na carta de Affonso Cláudio quando ele se refere ao “nós”,<sup>14</sup> identificando-se com o autor do texto por pertencer ao Instituto do Ceará e inserindo-se em um grupo que compartilha hábitos e regras para o exercício desse ofício.

Ao afirmar que o livro de Guilherme Studart foi escrito e documentado como raramente acontece entre nós, Afonso Cláudio usa o “nós” para fazer uma crítica ao grupo, no qual muitos autores publicam obras sem verificar a autenticidade dos documentos e fontes que apresentam em suas narrativas, já que a prática historiográfica do oitocentos era fundada no primado do documento e na exatidão dos fatos.

Apesar dos elogios de Affonso Cláudio a metodologia empregada pelo médico cearense, seu trabalho historiográfico não era visto da mesma maneira por outros intelectuais que criticavam a postura de Studart com relação à falta de indicação da procedência dos documentos citados em suas obras, como veremos no próximo tópico. Os correspondentes presenteados com os livros de Studart não teciam apenas elogios, mas também críticas severas. Dentre os críticos, podemos citar uma análise de Capistrano de Abreu dirigida a Studart sobre sua primeira obra *Notas para a História do Ceará*:

Agradeço-lhe muito a remessa de suas preciosas *Notas*, cuja leitura já comecei – leitura fatalmente lenta, porque muitas ocupações me distraem, e além disso de tão perto me interessa o assunto que não posso passar por ele de corrida. Sobre o primeiro capítulo, único que assimilei – dos outros apenas fiz um reconhecimento geral até pág. 334 – peço-lhe licença para fazer algumas observações. Não vejo motivo para a referência constante e pouco benévola às pessoas que antes trataram do assunto das minas do Cariri. Fizeram-no fundadas em documentos incompletos ou truncados. V. teve a felicidade de conhecer os autos completos. Não acha suficiente esta felicidade? Há uma página em que V. compara as versões de João Brígido, Theberge e Pompeu, em que sem dúvida V. mostra seu tino crítico, mas quer que lhe diga? Era dispensável e está deslocado. Aquele processo em que se pesam e medem as mínimas minudências tem sua razão de ser, e eu mesmo tenho empregado em casos especiais: é o Strauss, por exemplo, a propósito dos Evangelhos; será o único legítimo quando houver somente cronistas contraditórios, de cujo choque é preciso tirar

---

<sup>14</sup> Affonso Cláudio era desembargador no Rio de Janeiro e sócio correspondente do Instituto do Ceará.



luz. No seu caso, porém, é excessivo e serve somente para tornar a narrativa difícil e a leitura penosa.<sup>15</sup>

Capistrano não tem indulgência para com o trabalho elaborado por Studart tecendo críticas ao uso demasiado de referências, as correções aos estudos anteriores sobre o tema e ao exame de pormenores dos fatos que tornam a narrativa fatigante. Antevendo as críticas, o médico já justifica no prefácio das suas *Notas* a escolha pelo emprego de longas transcrições de trabalho anteriores, tendo em visto que seu objetivo era exatamente impugnar as asserções desses estudiosos, cujos estudos estão “eivados de inexatidões” (STUDART, 2004, p. 33) que serão corrigidas pela a atual geração de investigadores, na qual ele se inclui.

A prática historiográfica oitocentista, no Brasil, era caracterizada pela presença de um profissional dinâmico, bem exemplificado na figura do fundador do jornal *O patriota*, Ferreira de Araújo, que segundo Tânia Bessone era “um personagem múltiplo que tinha o perfil de um letrado do século XIX e transmutava-se em professor, matemático, latinista, poeta, militar e político” (FERREIRA, 2009, p. 328).

Esse letrado do século XIX era mesmo um sujeito múltíplice, sendo identificado como um polígrafo, ou seja, alguém que perpassa as fronteiras de diversos campos disciplinares. Geralmente, esse sujeito não “vivia da própria pena” e exercia outra atividade remunerada, como no caso do próprio Barão de Studart e de outros intelectuais como Guilherme Augusto de Mendonça e Brito que em carta afirma ser “Português de origem, agrônomo pelo Instituto Agrícola de Lisboa, naturalizado desde 1879, tenho-me dedicado também aos estudos históricos e dizem meus amigos que possuo uma biblioteca regular”.<sup>16</sup>

Podemos apreender a partir do relato de Brito que a dedicação aos estudos históricos era uma prática que se legitimava independente da formação profissional desses indivíduos que escolhiam essa tarefa passando a desenvolver pesquisas e escrever obras sobre o passado brasileiro, mas que possuíam um discurso autorizado

---

<sup>15</sup> Carta de Capistrano de Abreu de 18 de junho de 1893. In: ABREU, v. 1, 1977, p. 143.

<sup>16</sup> Carta de Guilherme Augusto de Mendonça e Brito de 8 de abril de 1895 – Acervo do Instituto do Ceará.

sobre o assunto a partir de um lugar reconhecido dentro de um círculo de interconhecimento restrito aos pares.

Outra prática de legitimação do discurso historiográfico é o uso do prefácio para se comunicar com os futuros leitores, geralmente os pares, criando um espaço inicial dentro do livro, utilizado como “estratégia” para aguçar a leitura e, às vezes, para o autor se definir e se agenciar no campo intelectual.

Segundo Certeau, o livro de história é “feito de duas metades desiguais, mas simbólicas, acrescenta, à história de um passado, o itinerário de um procedimento” (CERTEAU, 2006, p. 48). Desse modo, o procedimento adotado na pesquisa, ou seja, o trabalho operado com as fontes, os métodos empregados e as questões levantadas são apresentados sucintamente no prefácio, mas também é estabelecido um lugar para o diálogo com os pares seja para responder às críticas ou para antecipa-las. Giselle Venâncio identifica essa prática nas obras publicadas por Oliveira Viana que escrevia seus próprios prefácios, assim como Studart, e usava esse espaço para responder aos críticos ou justificar seu método de trabalho.

Da mesma maneira, Guilherme Studart se antecipa às possíveis críticas ao explicar o método empregado na execução do livro *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense*, publicado entre os anos de 1910 e 1915:

Quanto a fazer eu o Dicionário pela ordem alfabética dos prenomes e não dos nomes de família cuido atendido ao interesse dos leitores Cearenses; sei bem que tal não é a usança dos Europeus em matéria bibliográfica, mas o método por mim preferido dará entre nós melhor resultado, facilitará as consultas (STUDART, 1910)

O método adotado por Guilherme nessa obra nos diz um pouco sobre sua escrita e suas publicações. A maioria de seus livros é considerada obras de referências, bibliografias, catálogos ou publicações de documentos que tinham o objetivo de reunir informações, inventariar dados, coletar fatos, enfim sua narrativa tinha um cunho informativo e raramente apresentava uma análise ou interpretação dos eventos narrados. Contudo, ao imprimir suas obras ele fazia com que elas circulassem no meio intelectual brasileiro e estrangeiro costurando uma rede de sociabilidade internacional.

Um homem ligado ao mundo das letras se fazia através da imprensa e da circulação de suas obras. Contudo, sua representação como intelectual para os

contemporâneos ou para posteridade poderia ser construída também através de imagens. De tal modo, Guilherme Studart deixou-se fotografar diversas vezes, seja em poses individuais ou em grupos, comumente apresentava-se como um intelectual.

Essa representação como intelectual, com roupas escuras e semblante sisudo acompanha-o até seus últimos dias, como podemos apreender do relato de Pedro Sampaio ao recordar a maneira como Studart se apresentava nas suas visitas médicas:

Fraque preto, colarinho duro e óculos reluzentes com aros de ouro, chegava à nossa casa, batia à porta, chamava meu pai e, sorridente, antes de indagar quem era o doente, perguntava por mim, seu afilhado de crisma. E tudo isso em voz ciciada, de modo fidalgo, num meio sorriso, com essa simplicidade e essa bondade que eram apanágio dos médicos dessa época que bem longe vai e já quase de todo esquecida. E enquanto pedia notícias de um e de outro, entrava na alcova para ver o doente aplicava o termômetro, que tirava cuidadosamente do estojo de ouro, palpava o pulso do enfermo, perqueria e sondava com os olhos a ansiedade de cada um e com um sorriso de animação e de esperança, dizia por fim: - Vai bem, Nada de grave. Naquele sorriso de bondade e nas palavras de esperança que lhe afloravam aos lábios, tínhamos confiança e a quase garantia de cura do nosso doente. (SAMPAIO, 1956, p. 56)

11

O modo fidalgo, a voz ciciada e o sorriso tornam a figura do Barão de Studart num legítimo *lord* inglês. A mesma representação pode ser vista também em fotografias coletivas, nas quais escolhia perfilar a primeira fila, geralmente sentado, já que era baixinho,<sup>17</sup> mas sempre com indumentária impecável.

O médico da Santa Casa de Misericórdia, primeiro presidente do Centro Médico Cearense, cujo trabalho junto aos retirantes alojados em Maranguape e posteriormente aos doentes vitimados pela varíola no abarracamento do Alto da Pimenta, na seca de 1877-1879, rendeu-lhe o baronato cedido pela Igreja Católica em 1900, distraía-se das agruras da profissão com a pesquisa e a escrita de trabalhos históricos como afirmou no prefácio das suas *Notas para a História do Ceará*, publicado em 1892.

O Barão de Studart era “a enciclopédia viva do Ceará; sabia-lhe a geografia, a crônica, a vida presente” (RODRIGUES, 2002, p. 45). O caráter híbrido das representações construídas em torno da trajetória de Guilherme Studart nos indica o

---

<sup>17</sup> Pedro Sampaio afirma que Studart era “baixinho e de andar macio”. Cf. (SAMPAIO, 1956, p. 55).

caminho trilhado por muitos dos sujeitos que percorreram o período oitocentista: tinham uma formação enciclopédica e investiam na circulação da palavra impressa, no intuito de marcar seu lugar no pantheon intelectual para jamais serem esquecidos.

O lugar almejado por Studart era o posto de historiador do Ceará, embora nunca se aclamasse como tal. Contudo, sabia que a mais importante tarefa do historiador era a investigação documental, assim desempenhou essa tarefa com afinco, confiante de que a verdadeira história só poderia ser narrada com a comprovação de documentos manuscritos e inéditos, assim exaltou a pesquisa e se devotou a investigação de fontes históricas sobre o Brasil e especialmente sobre o Ceará.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Capistrano. Tricentenário do Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XVIII. Fortaleza: Typ. Minerva, 1904.

AMARAL, Eduardo Lúcio Guilherme. *Barão de Studart: memória de distinção*. Fortaleza: Museu do Ceará: Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

BRITO, Raimundo de Farias. Homens do Ceará: Dr. Guilherme Studart. In: *Revista da Academia Cearense de Letras*. t. II. Fortaleza: Typ. Studart, 1897, p.151-180.

CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. MENEZES, Maria de Lurdes (tradução). 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense editora, 2006.

CHARTIER, Roger. O homem de Letras. In: VOVELLE, Michel de. *O Homem do Iluminismo*. Lisboa: Editora Presença, 1997.

FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. As origens da resenha no Brasil: as experiências de O Patriota. In: CARVALHO, José Murilo & NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das. *Repensando o Brasil do Oitocentos: cidadania, política e liberdade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 325-346.

SAMPAIO, PEDRO. Dr. Guilherme Studart, o médico. In: *Revista do Instituto do Ceará*. t. Especial. Fortaleza: Editora A. Batista Fontenele, 1956, p. 55-60.

RODRIGUES, José Honório. Introdução. In: *Índice anotado da revista do Instituto do Ceará – do tomo I ao LXVIII*. Fortaleza: ABC editora, 2002.

STUDART, Guilherme. *Relatório do movimento do Centro literário*. Fortaleza: Typ. Studart, 1896.

VI Simpósio Nacional de História Cultural  
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar  
Universidade Federal do Piauí - UFPI  
Teresina-PI  
ISBN: 978-85-98711-10-2

\_\_\_\_\_. *Dicionário bio-bibliográfico cearense*. v. 1., Fortaleza: Typ. Minerva, 1910.

\_\_\_\_\_. *Notas para a História do Ceará*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004.